

A METAMORFOSE DE MICHAEL JACKSON À LUZ DA TEORIA FOUCAULTIANA

Denise Aparecida MOSER

ABSTRACT: In the light of the foucauldian theory, the present article had for its objective to analyze the discursive coercion and the political practical parrhesia called racism. In the past centuries, the flagrant racism was a way of discriminating and exploiting human beings. Nowadays, social movements and Civil laws have immersed to “camouflage” it and generate, according to the Social Psychology, other ways to express the racism. In order to accomplish the study, the genealogical method of Michael Jackson’s speech was used to justify its metamorphosis. The results showed that the singer was a parrhesiast as he defended the black race, in spite of the controversies created by the media.

KEYWORDS: foucauldian theory; discursive coercion; parrhesia; racism.

1. Introdução

Michel Foucault (1926–1984) foi um filósofo francês que alcançou grande repercussão nas ciências humanas devido às análises históricas inovadoras para entender os sistemas institucionais e o pensamento da sociedade ocidental. Em sua visão, o homem é sujeito e objeto de conhecimento; é resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder (DUARTE, 2006).

Nessa perspectiva, em sua vasta obra, Foucault (1979) discute o homem através de três procedimentos. Estes constituem momentos do método: a arqueologia, a genealogia e a ética.

No método arqueológico, enfoca os saberes que falam sobre o homem. A obra “História da Loucura na Idade Clássica” é um exemplo desse método em que Foucault (1961) □1978□ analisou a relação histórica entre razão e loucura na psiquiatria dos séculos XVII e XVIII. Em “As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas”, Foucault (1966) □1981□ descreveu a configuração e as transformações históricas das diferentes *épistémès*.

Na genealogia, reflete a questão do poder onde o homem é considerado como sujeito e objeto das práticas dos micro-poderes, enfatizando a descoberta do biopoder e da biopolítica. Em outras palavras, Foucault se propôs a pesquisar como se produziu o homem moderno: o sujeito sujeitado e disciplinado. O método está bem presente na obra “Vigiar e Punir: nascimento da prisão” em que Foucault (1975) □1983□ apresenta um estudo a respeito dos processos disciplinares estabelecidos nas prisões da sociedade moderna. Além dessa, em “História da Sexualidade I - a vontade de saber”, Foucault (1976) □1988□ mostra que a sociedade ocidental faz do sexo um instrumento não só para o exercício dos poderes disciplinares, mas também para o planejamento populacional como as taxas de nascimento e mortalidade, o saneamento básico das cidades e os índices de contaminação.

A partir do século XIX, o poder estatal começou a empregar práticas políticas denominadas higienistas que, para Foucault, tinham conexão com a eugenia, o racismo e o genocídio. Práticas políticas estas, que tinham a finalidade de matar as pessoas “fora dos padrões estabelecidos”, em grande escala, para garantir melhores benefícios a uma determinada população. Foucault assim apresentou uma ferramenta para pensar no surgimento do nazismo (fundado por Hitler – Alemanha) e do stalinismo (empregado por Stalin – Rússia),

por exemplo, como também, “(...) refletir nas novas formas biopolíticas de controle neoliberal das populações” (DUARTE, 2006).

Na ética, Foucault (1984a, 1984b) □2007a, 2007b□ discute os discursos por meio dos quais o homem exerce a dominação e a subjetivação, ou seja, a capacidade deste em assumir um papel histórico. Especificamente em “História da Sexualidade II - o uso dos prazeres”, examina a sexualidade na Grécia Antiga, e em “História da Sexualidade III - o cuidado de si”, retrata a Roma Antiga.

No curso no Collège de France, intitulado *Le gouvernement de soi et des autres*, Foucault (1982-1983) □2009a□ estuda o papel do filósofo que aconselha o príncipe, analisando a Carta VII de Platão. No ano seguinte, em *Le gouvernement de soi et des autres: Le courage de la vérité*, Foucault (1984) □2009b□ analisa, entre outros discursos, o movimento cínico. O quarto discurso, sobre o reino narrado por Dio Crisóstomo, é uma das passagens que os cínicos mais lembram: o encontro entre o Imperador Alexandre e o filósofo cínico Diógenes em praça pública.

Nesses estudos de 1983 e 1984, o autor mostra que não direciona o olhar somente às coerções discursivas da sociedade ocidental, mas também ao “jogo parresíastico”. Na política, por exemplo, não compete aos filósofos parresíastas dizer aos governantes como administrar e quais decisões devem tomar, “(...) mas instituir-se como um dizer-verdadeiro na ordem da *não-coincidência* e da *não-aceitação* dessa ou daquela forma de governo” (CANDIOTTO, 2003). Em suma, a teoria de Foucault é uma reflexão filosófica sobre e a partir da história em que tentou entender os jogos entre o verdadeiro e o falso.

Sob esse prisma, ou seja, da ordem do discurso e do jogo parresíastico na área da política com a prática do racismo que o presente artigo se limitará. Sendo assim, na primeira parte serão apresentados os procedimentos de coerção do discurso da sociedade ocidental, que para Foucault se restringia aos países da Europa e Estados Unidos da América, e a difusão da parresia no decorrer da história com o intuito de confrontá-los no momento da investigação do corpus selecionado. Na segunda parte, será apresentada a prática política de exclusão: o racismo. Posteriormente, o discurso emitido pelo cantor afro-americano Michael Jackson sobre seu clareamento da pele, as mudanças na sua fisionomia e o seu pensamento no que concerne à sua raça negra é o objeto de investigação. O quarto capítulo consiste de apresentar a análise do discurso de Michael Jackson, verificando se há o predomínio de coerções ou parresia. E finalmente são enfocadas as considerações finais do presente estudo.

2. A coerção e a ousadia do discurso

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 2005, p. 8) □1970□. Na aula inaugurada no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, Michel Foucault apresentou essas questões supondo que na sociedade ocidental, a produção do discurso ocorre por meio de procedimentos de controle e de delimitação, a saber: procedimentos exteriores de controle e delimitação de discurso, procedimentos internos de controle e delimitação de discurso e imposição de regras aos sujeitos do discurso.

Os procedimentos externos de controle e delimitação de discurso abrangem:

a) **a interdição**: nela está inserida a palavra proibida em que “(...) não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2005, p. 9) □1970□. É o caso, por exemplo, da sexualidade e da política em que se percebe o jogo do poder e do desejo;

b) **a segregação da loucura:** o discurso do louco é impedido de circular como o dos outros;

c) **a vontade de verdade:** é apoiada em um suporte institucional e tem a tendência de exercer controle sobre os outros discursos.

Os procedimentos internos de controle e delimitação de discurso conjuram os casos de sua aparição e se limitam:

a) **ao comentário:** que tem por finalidade expor o que estava dito silenciosamente no primeiro texto;

b) **ao autor:** que é aquele que fornece à inquietante linguagem da ficção a unidade, coerência e a inserção no real;

c) **às disciplinas:** cada disciplina, por exemplo, Medicina, reconhece proposições verdadeiras ou falsas, mas exclui a teratologia do saber.

A imposição de regras aos sujeitos do discurso diz respeito:

a) **aos rituais da palavra:** os rituais definem como os indivíduos devem falar desde os gestos, os comportamentos, as circunstâncias... Tais rituais são evidentes, por exemplo, nos discursos religiosos, judiciários, políticos e terapêuticos;

b) **às sociedades do discurso:** consistem em conservar ou produzir discursos num espaço fechado. Como exemplos desses regimes de exclusividade e de divulgação, têm-se o segredo técnico ou científico, o discurso médico, político ou econômico;

c) **aos grupos doutrinários:** as doutrinas tendem a se difundir e questionam simultaneamente o enunciado e o sujeito que fala. Além disso, ligam os indivíduos a alguns tipos de enunciação, porém proíbem a ter acesso aos outros;

d) **às apropriações sociais:** a educação é um sistema institucional em que todo indivíduo de nossa sociedade pode ter acesso a vários discursos. Nela há uma forma “(...) política de manter ou modificar a apropriação dos discursos com os saberes e poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2005, p. 44) □1970□. Isso não significa que a apropriação social esteja somente restrita à educação; outros sistemas institucionais como o judiciário e a medicina estão também inseridos nos sistemas de sujeição do discurso.

Foucault (2005) □1970□, assim, mostra que a sociedade ocidental, ao mesmo tempo, venera e sente temor do discurso. Para amenizar esse temor, propõe que ao analisar as condições, o jogo e os efeitos do discurso sejam observados três grupos de funções: a vontade de verdade, o caráter de acontecimento e a soberania do significante.

Em contradição à coerção discursiva, em conferências na Universidade de Berkely, nos cursos *Le gouvernement de soi et des autres* (2009a) □1982-1983□ e *Le gouvernement de soi et des autres: Le courage de la vérité* (2009b) □1984□ Foucault examinou a noção de parresia, palavra esta oriunda do grego *parrhêsia* que significa a coragem de dizer a verdade. “... o parresiasta, é alguém que diz tudo o que tem em mente: não oculta nada, abre completamente seu coração e sua mente para outras pessoas através do discurso” (FOUCAULT, 2003, p. 266 – Tradução da autora).

Existem dois tipos de parresia: o de sentido pejorativo, o “charlatão”, que consiste em dizer tudo o que passa na cabeça, sem ter qualificação para isso e o de sentido não pejorativo, ou seja, o que pensa e diz realmente a verdade. A parresia é uma forma de crítica tanto para o outro como para si mesmo também. O parresiasta assim expõe o que pensa, correndo o risco de vida ou segurança, pois se confronta com o poder e tem obrigação de dizer a verdade.

A parresia se manifestou e se manifesta, por exemplo, na política, na moral e na religião. No âmbito político, em um regime monárquico, o parresiasta diz a verdade para o príncipe sobre sua administração da cidade. No moral, o parresiasta admite a verdade, o cuidado de si. No religioso, o parresiasta defende suas convicções religiosas.

Petters (2003) apresenta três formas e três funções da parresia. As formas consistem em: *logos*, verdade e *genos* em que o discurso da verdade só pode ser utilizado por aqueles que têm direito, ou seja, pelo nascimento (na peça *Íon*, de Eurípedes, Foucault analisa esta prática de parresia); *logos*, verdade e *nomos*, presente nas leis da política; e *logos*, verdade e *bios*, apresentado no âmbito moral. As funções são: epistêmica (o parresiasta pode falar certas verdades a respeito do mundo); política (o parresiasta critica as leis e os sistemas institucionais); e terapêutica ou espiritual (o parresiasta define a relação entre a verdade e a forma de viver de alguém).

Em outras palavras, a parresia tem por objetivo questionar as relações de poder, sem a pretensão de ser a verdade absoluta. A verdade do parresiasta ocorre, dessa forma, no momento da relação com seu interlocutor (BELO, ANDRADE, 2009).

Foucault (1982-1983) □2009a□ apresenta outras formas de dizer a verdade e que diferem da parresia:

- a) **o dizer do profeta:** este fala a verdade em nome de um outro; é apenas um mediador da verdade, diz o que será;
- b) **o dizer do sábio:** consiste em dizer a verdade em seu próprio nome e de maneira enigmática. Não é obrigado a falar e diz o que é;
- c) **o dizer do professor ou do técnico:** concerne em divulgar o saber-fazer sem precisar ter coragem para isso, pois está garantido pela tradição.

Esses quatro dizeres de verdade foram institucionalizados com o decorrer do tempo, porém se misturaram entre eles. Exemplo disso é o discurso de Sócrates, filósofo, em que mesclou a profecia e o destino, a sabedoria e o ser, o ensino e a técnica, a parresia com o *ethos* (BELO, ANDRADE, 2009).

Neste artigo, pretende-se observar a prática das coerções discursivas e da parresia relacionada à prática política: “racismo” contra especificamente os negros, da sociedade ocidental, em pleno século XXI. Para isso, apresentar-se-ão a sua origem, o conceito e as teorias de racismo que existem atualmente.

3. O racismo: prática política de exclusão

O racismo se originou de uma doutrina que explicava a desigualdade entre as raças humanas, ou seja, uma doutrina racista que se retratou na biologia e no direito. Dessa forma, os colonizadores, os conquistadores, os senhores feudais e seus descendentes se diferenciavam dos colonizados, conquistados, escravos e seus descendentes nas posições sociais, na forma de tratamento pessoal, na separação dos ambientes e nos direitos e deveres.

Conforme Lima, Vala (2004), o racismo:

(...) constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele sendo negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna).

Nas sociedades modernas atuais, o racismo, enquanto sistema se apresenta por intermédio da pobreza e da não-cidadania (é o caso dos imigrantes e seus descendentes). Tais situações podem ser advindas dos direitos, da auto-estima, da discriminação e da burocracia que geram a “(...) não-cidadania, a posição social de inferioridade e a situação econômica de subordinação” (GUIMARÃES, 1999).

Por causa do decréscimo, vindo após a Segunda Guerra Mundial com a Declaração dos Direitos Humanos, a crítica ao nazismo, a condenação da UNESCO por classificar as raças e outros movimentos sociais, o racismo tradicional ou flagrante foi “mascarado” por outras teorias de racismo, que são classificadas pela Psicologia Social como: racismo moderno, racismo simbólico, racismo aversivo, racismo ambivalente, racismo sutil e racismo cordial (LIMA, VALA, 2004).

Lima, Vala (2004) expõem que pesquisas foram realizadas enfocando essas teorias em alguns países. Entre elas, destacam-se: o racismo moderno na Austrália e nos EUA de McConahay & Hough em 1976 e de Pedersen & Walker em 1997, o racismo simbólico nos EUA de Kinder & Sears em 1981, o racismo aversivo nos EUA de Gaertner & Dovidio em 1986, o racismo ambivalente nos EUA de Katz & Hass em 1988, o racismo sutil na Europa de Pettigrew e Meertens de 1995 e o racismo cordial no Brasil de Turra e Venturi de 1995.

O racismo moderno e o racismo simbólico consistem de os brancos perceberem que os negros estão recebendo mais vantagens do que merecem, desrespeitando assim os valores de igualdade e liberdade. O racismo aversivo é evidente em brancos que dão muito valor à igualdade, mas que possuem um conflito entre crenças relacionadas a valores de igualdade e sentimentos negativos frente aos negros. O racismo ambivalente resulta da dupla percepção de que os brancos têm em relação aos negros: o de que estes são desviantes, mas ao mesmo tempo estão em desvantagem. Essas percepções podem gerar sentimentos antagônicos como raiva ou piedade. O racismo sutil, melhor rotulado como preconceito sutil, é uma forma de preconceito disfarçada contra grupos exógenos ou externos. Possui três dimensões: a defesa dos valores tradicionais, o exagero das diferenças culturais e a negação de emoções positivas. O racismo cordial é uma forma de discriminação contra os negros e mulatos que ocorre “(...) ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial”” (LIMA, VALA, 2004).

Para Guimarães (1999), o Estado, a nação e os indivíduos devem ser os responsáveis pelo desenvolvimento de formas anti-racistas. O Estado deve buscar garantias para as liberdades e os direitos individuais, independente de sexo, raça, religião, etnia, cor, classe. A nação deve reconstruir as nacionalidades em bases pluriculturais e pluriétnicas. E os indivíduos e suas identidades grupais devem interferir nas políticas educacionais dos governos para que estas proporcionem a auto-estima aos negros.

4. O objeto de investigação

4.1 O discurso de Michael Jackson sobre sua metamorfose

Michael Jackson (1958-2009) foi um cantor da música Pop Star dos Estados Unidos da América, conhecido internacionalmente. Descendente de negros, de família pobre (tinha oito irmãos), com educação rígida, desde criança dedicou-se à música (ANOMALIES-UNLIMITED.COM, 2009).

No palco, era ágil, flexível e demonstrava muita alegria. Na vida real, tornou-se bilionário, tinha muitos problemas físicos e emocionais que geraram muitas consultas e cirurgias médicas. A origem de suas constantes mudanças de aparência através de cirurgias

plásticas começou aos 21 anos quando quebrou o nariz. Dali em diante, segundo diagnóstico psiquiátrico, Michael Jackson desenvolveu um distúrbio conhecido como dismorfia corporal - a distorção da própria imagem (RABELO, VILLAMÉA, 2009).

O Transtorno Dismórfico Corporal é caracterizado pela excessiva preocupação com a aparência que causa sofrimento ou prejuízo no campo social ou profissional ou em outros setores da vida do indivíduo (PHILLIPS et al, 1995). Geralmente, os pacientes reclamam dos defeitos faciais ou da cabeça, como por exemplo, o formato ou tamanho do nariz, do queixo, calvície, olhos, pálpebras, sobrelhas, orelhas, boca, lábios, dentes, mandíbula, bochechas, perda de cabelos, acne, rugas, cicatrizes, marcas vasculares, palidez ou rubor, inchaço, assimetria ou desproporção facial, ou pêlos faciais excessivos. Também pode ocorrer preocupação com o cheiro corporal que exalam, mau hálito, odor dos pés, etc. Às vezes alguns pacientes podem apenas se queixar de uma feiúra geral.

De acordo com os critérios de diagnósticos da Organização Mundial de Saúde (1993) e American Psychiatric Association (1994), o transtorno dismórfico corporal é caracterizado como:

- a) Preocupação com um imaginado defeito na aparência. Se uma ligeira anomalia física está presente, a preocupação do indivíduo é acentuadamente excessiva.
- b) A preocupação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
- c) A preocupação não é mais bem explicada por outro transtorno mental (por exemplo, insatisfação com a forma e o tamanho do corpo na Anorexia Nervosa).

A causa do Transtorno Dismórfico Corporal é desconhecida, mas existem relatos de haver envolvimento orgânico em pacientes que tiveram início pós-encefalite ou meningite. A probabilidade destes fatores reforça a tese de envolvimento ou disfunção dos gânglios da base (BALLONE, MOURA, 2008).

A mudança de cor da pele de Michael Jackson também se deu aos 22 anos devido à doença chamada vitiligo que, de acordo com o doutor Valcinir Bedin, presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Estética - Regional São Paulo, em entrevista cedida à Revista Fator Brasil (2009), danifica a pele e é de causa desconhecida. A pele fica com manchas brancas, principalmente no rosto e no dorso das mãos. Os pêlos podem ser afetados, tais como sobrelhas, cílios e pêlos pubianos. Dificilmente há a existência de prurido ou inflamação.

Podem atingir todas as raças e ambos os sexos, e mundialmente atinge 0,5 a 2% da população. Sua aparição começa em pessoas jovens próximas aos 20 anos de idade (LERNER, NORDLUND, 1978; NORDLUND, MAJUMDER, 1997).

Inúmeras são as hipóteses acerca da etiologia da doença. As principais são:

- a) **Herança genética:** Cerca de 20% dos pacientes com vitiligo têm pelo menos um parente de primeiro grau com a doença (NATH, MAJUMDER, NORDLUND, 1994);
- b) **Auto-imunidade:** é auto-imune por causa da ligação com doenças como tireoidites, diabetes mellitus e alopecia areata (LERNER, NORDLUND, 1978);
- c) **Ao ambiente:** Existe a probabilidade de que o estresse, a exposição excessiva ao sol e o contato com alguns pesticidas possam favorecer o surgimento do vitiligo (SLOMINSKI, PAUL, BOMRISKI, 1989).

As mutações histológicas do vitiligo não são expressivas para a coloração de hematoxilina-eosina. Um fator importante dessa patologia é o psicossocial. Porter et al. (1987) observaram em uma pesquisa que mais de 50% dos portadores de vitiligo alegam sofrer

discriminação social e que 20% deles chegam a ser mal tratados. Dessa forma, o paciente com vitiligo não é atingido somente pela doença, mas também por viver em uma sociedade que a aparência é fundamental, inclusive para conseguir ou se manter no mercado de trabalho.

Conforme Steiner et al (2004), o tratamento adequado ainda não foi encontrado. São utilizados o corticosteroíde tópico, a fotoquimioterapia com componentes psoralênicos e exposição à radiação UVA (320-400nm) conhecida como Puva terapia, que pode ser ministrada via oral, tópica ou combinada, cirurgias e técnicas de micropigmentação dérmicas permanentes com pigmento de ferro oxidado. Outras terapias alternativas surgiram para tratar pacientes com vitiligo, entre elas, a pseudocatalase, a helioterapia, o UVB, o extrato de placenta humana, o Kuva, a fenilalanina tópica e sistêmica, e os antioxidantes.

Com esses argumentos científicos, Michael Jackson se defendeu, justificando a causa de seu clareamento da pele e suas freqüentes cirurgias plásticas no rosto. Portanto, ficou seu posicionamento com relação à polêmica que surgiu sobre sua raça: se admitia ou não ser negro. Eis alguns discursos proferidos por ele, retirados de alguns *sites* da internet (as fontes bibliográficas aparecem após as citações das frases).

a) Entrevista: A primeira delas em que Michael Jackson se pronunciou publicamente sobre a transformação da sua cor da pele em 10 de fevereiro de 1993 no programa da Oprah (ARAUJO, 2009).

Oprah: "Okay, vamos agora falar sobre o assunto que tem sido mais discutido sobre você que é a cor da tua pele. É mais do que evidente que a cor da tua pele está muito diferente de quando eras mais jovem e isso tem provocado uma série de especulações e controvérsia sobre o que possivelmente tenhas feito ou tens feito. Tens esbranquecido a tua pele e é verdade que fazes isto porque não gostas de ser preto?"

Michael: "Em primeiro lugar, pelo que sei não existe essa coisa de esbranquecer [clarear a pele a ponto de torná-la branca] a pele. Eu nunca vi isso e nem sei o que isso é."

Oprah: "Eu me lembro que existem aí uns produtos descolorantes, ainda me lembro quando crescia, ouvia constantemente, "usem descolorantes", mas tinhas que ter cerca de 300.000 galões.

Michael: "Okay, mas em primeiro lugar, o que acontece é isto: eu tenho uma anomalia na pele que destrói a pigmentação da pele e isso é algo que eu não consigo evitar, não posso fazer nada. Mas me magoa muito quando ouço que as pessoas dizem que eu não gosto de ser o que sou. Isso dói (...) já é algo de família, o meu pai diz que é da parte dele. É algo que eu não posso controlar nem entender (...) isso deixa-me muito triste. Não quero entrar em pormenores do meu histórico médico porque acho que isso é assunto pessoal. Mas o que acontece é isso."

Oprah: "Então, Okay, eu só quero esclarecer bem isso: você não está tomando absolutamente nada para mudar a cor da tua pele..."

Michael: "Oh, Deus, claro que não, nós tentamos controlar isso, fazendo uso de maquiagem improvisada porque isso deixa manchas na minha pele..."
(...)

Michael: "Eu sou um americano negro. Eu tenho orgulho de ser um americano negro. Eu tenho orgulho de minha raça. Eu tenho orgulho de quem sou. Eu tenho amor-próprio e dignidade"

b) Outras Frases:

Michael: "As pessoas contam histórias de que eu não quero ser quem eu sou. Isso me machuca" (RABELO, VILLAMÉA, 2009).

Michael: "Deus, não estou fazendo nada para mudar a cor da minha pele" (RABELO, VILLAMÉA, 2009).

Michael: "Eu sei qual é a minha raça. Olho no espelho e sei que sou negro" (REVISTA ÉPOCA, 2002).

Michael: "Estou cansado de ser manipulado. A imprensa manipula a verdade. Eles são mentirosos. Os livros de História são uma mentira. Vocês precisam saber que todas as formas de música popular, do jazz ao rock ao hip hop e dance, do jitterbug ao Charleston, são negras. Mas vá à livraria da esquina e você não vai ver um negro na capa dos livros. Você vai ver Elvis Presley. Você vai ver os Rolling Stones. Mas onde estão os verdadeiros pioneiros?" (REVISTA ÉPOCA, 2002).

Michael: "Eu quebrei os recordes de venda de Elvis e dos Beatles. Então, começaram a me chamar de aberração, de homossexual, de pedófilo. Disseram que eu clareei minha pele. Fizeram de tudo para jogar o público contra mim. É uma conspiração." (REVISTA ÉPOCA, 2002).

5. A coerção e a parresia no discurso de Michael Jackson

Em pleno século XXI, apesar da divulgação do anti-racismo, há resquícios e coerções discursivas sobre racismo. Foucault (2000, p. 304) □1975-1976□ diz que:

No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros.

O que chama atenção é que os Estados Unidos da América, um entre os oito países de maior potência mundial, tiveram o ícone Michael Jackson que sofreu com essa prática política de exclusão. Por clarear sua pele e mudar as feições de seu rosto, por ser da raça negra, levantou vários questionamentos, a nível nacional e internacional: se ele era racista ou não. Vários discursos dele ditos publicamente provam que ele gostava de ser negro.

Michael Jackson, segundo a linha de Foucault, foi um parresiasta ao ser um defensor de sua raça. Ele mostrou ao mundo que ele mudou de cor da pele por causa da doença denominada vitiligo, que alterou a aparência por ter transtorno dismórfico corporal e que isso não significava que ele perdeu a sua essência.

Michael Jackson teve a coragem de ser um parresiasta frente a superiores: as mídias que manipulam a sociedade em todos os sentidos: ou positivo, ou negativo ou até mesmo se manifestando neutras. Apesar das controvérsias, foi firme perante o público ao pronunciar que não se sentia constrangido por ser negro. Ele teve foi uma infância roubada, inserido em uma cultura em que o padrão de beleza é enaltecido, atingindo entre elas as áreas afetivas, profissionais, orgânicas por não estar bem estruturado psicologicamente.

Essas constantes doutrinas do ser belo, do ser perfeito são frutos das práticas políticas de exclusão, E o que é ser belo? Ser perfeito? Se os meios de comunicação comessem a divulgar frequentemente que todas as raças têm um padrão de beleza e são importantes, quiçá

esse tipo de problema fosse amenizado. Além disso, práticas políticas de racismo deveriam ser observadas com mais rigor.

6. Considerações finais

Para Foucault (2005) [1970], o discurso proferido pela sociedade ocidental se dá através de procedimentos exteriores de controle e delimitação de discurso, procedimentos internos de controle e delimitação de discurso e imposição de regras aos sujeitos do discurso. Em contrapartida, a parresia é um modo de dizer a verdade sem temer pela vida ou pela segurança pessoal.

Apesar dos impedimentos discursivos que ocorrem, há parresiastas em pleno século XXI. Portanto, não existiram somente na Grécia Antiga, ou na era cristã, por exemplo. Entre pessoas ilustres ou no anonimato, a coragem de dizer a verdade, de deixar a bajulação de lado, ainda existe.

Michael Jackson ao pronunciar publicamente, entre outros discursos: “Eu sou um americano negro. Eu tenho orgulho de ser um americano negro. Eu tenho orgulho de minha raça. Eu tenho orgulho de quem sou. Eu tenho amor-próprio e dignidade” mostrou ser um parresiasta ao admitir que gosta de ser negro. A sua metamorfose ocorreu por problemas físicos e emocionais.

Esse ícone da música Pop Star Internacional levantou discussões polêmicas no que concerne à discriminação e exploração da raça negra. Ficou evidente que o racismo é uma prática política de exclusão ainda existente na sociedade apesar do anti-racismo. Seu combate vai levar um longo percurso até que se dissolva completamente o seguinte discurso, conforme Foucault (2000, p.309) [1975-1976]: “O racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano.”

Notas

* Artigo de conclusão de disciplina de Análise do Discurso (linha foucaultiana), ministrada pelo professor Doutor Pedro de Souza.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-IV). Washington (USA), 1994.
- ANOMALIES-UNLIMITED.COM. *A Photographic History of Michael Jackson's Face With blithering, yet witty commentary*. Disponível em: <<http://anomalies-unlimited.com/Jackson.html>>. Acesso em 9 jul. 2009.
- ARAÚJO, Manuel de. *Michael Jackson é Branco ou Preto?* 8 jul. 2009. Disponível em: <<http://manueldearaujo.blogspot.com/2009/07/michael-jackson-e-branco-ou-preto.html>>. Acesso em 9 jul. 2009.
- BALLONE, G.J., MOURA, E.C. *Transtorno Dismórfico Corporal e Muscular*. In: PsiquWeb Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br>>, revisto em 2008. Acesso em 10 fev. 2010.
- BELO, Fábio, ANDRADE, Pedro G. G. *Foucault, direito e parresia: um projeto de pesquisa*. Disponível em: <http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/anais/bh/fabio_roberto_rodrigues_belo.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2009.
- CANDIOTTO, César. A filosofia e a política. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v.15, n.17, p. 63-71, jul./dez., 2003.
- DUARTE, André. Heidegger e Foucault, críticos da modernidade: humanismo, técnica e biopolítica. *Trans/Form/Ação*, v.29, n.2, Marília, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica* (1961). Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966). Tradução Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975). Tradução Lígia M. Ponde Vassalo. 2 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1976). Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (1984a). 9 ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.
- _____. *História da Sexualidade III: o cuidado de si* (1984b). Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.
- _____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. Coraje y verdad. In: ABRAHAM, Tomás. *El último Foucault*. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.
- _____. *A ordem do discurso* (1970). Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Le Gouvernement de soi et des autres*. Cours au Collège de France (1982-1983). Paris: Gallimard le Seuil, 2009a.
- _____. *Le Courage de la vérité*. Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard le Seuil, 2009b.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.14, n.39, São Paulo, fev. 1999.
- LERNER, A.B., NORDLUND, J.J. *Vitiligo: What is it? Is it important?*. J Am Med Assoc, 1978; 239:1183-1187.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira, VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, v.9, n.3, Natal, set/dez, 2004.
- NATH, S. K., MAJUMDER, P. P., NORDLUND, J. J. *Genetic epidemiology of vitiligo: Multilocus recessivity cross-validated*. Am J Hum Genetic, 1994; 55: 981-990.

- NORDLUND, J. J., MAJUMDER, P. P. Recent investigations on vitiligo vulgaris: advances in clinical research. *Dermatol Clin*, 1997; 15: 69-78.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da décima versão (CID-10) da Classificação Internacional de Doenças. Genebra, 1993.
- PETTERS, Michael A. Truth-telling as an educational practice of the self: Foucault, parrhesia and the ethics of subjectivity. In: *Oxford review of education*, v. 29, n.2, 2003, pp. 207-223.
- PHILLIPS, K.; MCELROY, S.; HUDSON, J.; POPE, H. *Body dysmorphic disorder: an obsessive-compulsive spectrum disorder, a form of affective spectrum disorder, or both?* - *Journal Clinical Psychiatric* 56 (suppl 4): 41-50, 1995.
- PORTER, J., BEUF, A. H., LERNER, A. B., NODLUND, J. J. *Response to cosmetic disfigurement; patients with vitiligo*. *Cútis*, 1987; 39: 493-494.
- RABELO, Carina, VILLAMÉA, Luiza. *Mente insana em corpo doente. Michael Jackson – (Especial da Revista Istoé)*, São Paulo, 29 jun. 2009.
- REVISTA ÉPOCA. GloboNews.com. *Cultura: Michael Jackson se diz vítima de conspiração racista*. n 217, 10 jul. 2002.
- REVISTA FATOR BRASIL. *Michael Jackson realmente ficou branco por causa de vitiligo?* Portal fator Brasil. 3 jul. 2009.
- SLOMINSKI, A., PAUL, R., BOMRISKI, A. *Hypothesis: possible role of melatonin receptors in vitiligo*. *J R Soc Med*, 1989; 82: 539-541.
- STEINER, Denise, BEDIN, Valcinir, MORAES, Mirella Brito, VILLAS, Ricardo Tadeu, STEINER, Tatiana. *Vitiligo*. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. v. 79, n.3, Rio de Janeiro Maio/Jun. 2004.